

**20080410**

Musa língua é o que é  
Cavalo marinho arborescente  
Algibeira virando bolso  
Língua de palmo, amiga da onça  
Nuínha, sem agás  
Pé de meia, língua de vaca  
Sodades só do trema, nada  
Não, atacador sem laço, ó cedilha  
Há-de haver a tua vez.

A musa é eu?

## 20010121

Não me acuses musa de preguiça  
Ou se a palavra rala enguiça  
Na rima crassa funicular  
Do verbo à toa vindo  
Respirar —

À tona zoa zaragatoa  
Ou em tom de loa em liça  
Aparo de garganta em risco  
De triste arado no canto atado —

Sopra, musa, delicada,  
Diz, desatinada,  
O que vens dizer, assim,  
Sem erros, devagar,  
Devagarinho, sem gritar,  
Não vá o vaso quebrar.

**20031215**

*Allumeuse* sofisticada  
(merece ali o itálico)  
A musa conversa reversa  
Como quem chega de paris  
E de nada diz que diz.

Asinha quão perversa  
Só de plumas e nariz  
A musa sonorizada  
(cachecol mallarmé)  
Não sabe o quê não sabe o quê.

Ainda que tire a blusa,  
Não me atusa, a musa.

**20031210**

Ave, musa sem rebuço.  
Dize lá, poeta rebuçado.  
Agora que a luta de classes acabou  
Graças à benevolência de sua excelência,  
Ó musa, voltaremos a ser realistas  
Sem medo que as abóboras meninas  
Virem princesas pequeno-burguesas.  
Sim, o dia está que não se pode,  
Cinza d'água, a cor dos afligidos  
Pela dor menor, interna, pingue-pingue  
Amolecendo meloso as almas.  
Lisboa é uma rua de sol nos entresseios do caos.  
Ena, ena, o poeta abrunhou.

**20031105** (*alba*)

O cão merencório da melancolia  
Pensa o que dorme na pata dolente  
Albrecht Dürer — 1514  
Calando a dor da errada alegria  
Em seu corpo recolhida — atento — paciente.

Musa, musa, musa  
Se é no cabo da voz que se quebra o vaso  
Aqui no canto acororado e certo  
O ardor das asas com que chamas

Uma campa rasa, o teu olhar  
Estendido no corpo que vem  
Morrer no corpo velado  
Como em palavras desditas  
À causa dos amantes.

Rachou o dia, musa,  
Cadê o pranto?